

Se um povo, uma nação, porventura uma família, enfim, a humanidade em geral, sente a necessidade de dar forma a um panteão para referenciar não só aqueles que mais engrandeceram o mito das suas existências colectivas, como igualmente aqueles outros que se distinguiram na partilha comum das ideias e das profissões, é de todo legítimo caber a cada um, enquanto simples humano propenso à troca de afectos, erigir o seu panteão privado.

O Dr. José Manuel Pavão, nesta obra, edifica, a meu ver, o seu panteão pessoal.

Trata-se dum testemunho deveras singular, não só pela organização geral da obra, que é excelente, como pela repartição evocativa das figuras que distingue, entre o júbilo e a saudade, curiosa e amistosa eflorescência de partilha de ser.

Júbilo, antes de mais, por ao autor ter cabido o desfrute das suas companhias, ensinamentos e amizades.

Saudade, porque tão rico e intenso foi esse desfrute, que tais companhias passaram a fazer parte integrante do ser que as invoca, através da memória e da sensibilidade afectiva. E tal ela é que o autor desta obra não hesita, após a evocação desses seus mestres e companheiros de actividade médica e cirúrgica, rematar o memorial afectivo com a recordação dos seus pais, igualmente falecidos, como se, porventura, os primeiros também fossem seus familiares!

A obra termina com um “Posfácio”, onde sobressai particularmente uma reflexão sobre a morte, pretexto não só para a recordação do tirocínio do autor pelo teatro anatómico, como para apresentar uma breve antologia, poética e prosadora, de alguns escritores.

Livro de incomum sinceridade, esta obra fixa ainda o domínio de escrita do Dr. José Manuel Pavão, particularmente a delicadeza e a elegância da frase que fazem verdadeiramente o seu estilo, ao ponto de, por vezes, me suscitar a comparação com Júlio Dantas, já que falamos em médicos, o qual, apesar de tão mal tratado por Almada Negreiros, enquanto símbolo de uma literatura conservadora, era um excelente prosador e paisagista monográfico.

Ramiro Teixeira

A morte é a maior das inevitabilidades da vida. É talvez a única característica transversal a todos os seres vivos. E contudo, sendo o seu maior absurdo, é o nosso maior desafio.

Ao longo desta obra José Manuel Pavão discorre sobre a morte, ou melhor, sobre a finitude da vida, de alguns dos muitos médicos que conheceu, e que sucessivamente foram adiando a morte dos seus pacientes sem lhe terem eles próprios escapado. Estas silhuetas e recordações são por si um elogio á vida, uma percepção do carácter temporal da nossa viagem pela terra, uma homenagem a quem a soube aproveitar, mas acima de tudo entendi-as como um desafio. Um desafio lançado por um mestre da vida, também ele médico, alicerçado em variados exemplos de bom carácter, esses sim que sempre sobrevivem, para quem ainda está vivo e tem o direito e a obrigação de Viver.

Bem Haja pela coragem, amizade e gratidão nestas páginas demonstradas.

Ricardo Guimarães



José Manuel Pavão, Mirandela, 03.11.41, médico, director hospital Maria Pia, 1988.04. Presidente Soc. Port. Cir. Pediatras, deputado A. R., 2002.05, Presidente A. M. Mirandela, Cônsul Guiné-Bissau, colaborador da Imprensa regional e diária, publicou: Cidadão de Fraldas, Dia da Criança, Figuras e Factos, Maria Pia – Rainha e Mulher, História da Moura Encantada.

Silhuetas e Recordações | José Manuel Pavão

Silhuetas e Recordações

José Manuel Pavão

As figuras que neste livro se evocam, e se homenageiam, não conformam apenas uma galeria de afectos. Presenças de um espaço, o do Norte português, e testemunhas de um tempo, o que lhes ofereceu o encontro com o autor destas páginas, caracterizam um momento da história, e sobretudo da história da medicina, que ajudaram a erguer. Alguns dos recordados na colectânea a seguir enriqueceram a ciência do corpo do homem, do sofrimento que lhe é conatural, e do alívio que se lhe pode dispensar, mercê da actividade clínica, ou da investigação laboratorial, a que empenhadamente se dedicaram. Mas houve-os capazes também de compaginar o exercício do seu múnus com a criatividade nas artes, ou nas letras, atestando dessa forma a inseparabilidade dos infinitos mundos, congraçantes do espírito humano, que só por pura conveniência metodológica nos atrevemos a afrontar. Entidades aparentemente defuntas, ei-las que ressuscitam nos flagrantes que um colega solidário, José Manuel Pavão, apostado em preservar os valores da comunidade a que pertence, traz aqui até nós. Muito mais do que silhuetas que o futuro esbaterá nos seus contornos, como filigranas é que haverão de ficar na memória das gentes, e muito para além da alternância das estações.

Mário Cláudio

O posfácio deste gratificante e pleno de humanidade livro de memórias com que o Senhor Dr. José Manuel Pavão nos brinda, começa, na esteira de Fialho de Almeida, com um título desafiador. “E eu serei eterno? Não, disse-lhe o deus. Morrerás!” Mas será que um deus pode dizer ao homem que ele não é eterno, que morrerá? A meu ver, com tal resposta, deixou de ser deus, ou, pelo menos, o meu deus. E, decerto, não será também o do autor – e apenas porque, como diz logo nas primeiras palavras “verti pela enésima vez as lágrimas que o tempo inexplicavelmente ainda não sarou”. Verteu-as no “campo santo da sua aldeia” onde dormem os seus pais, acrescenta. Ora se dormem vão acordar... e serão eternos.

Vieram-me, à memória, na circunstância, aquelas palavras finais do texto de “Um violino no telhado” e que cito de cor: Meu Deus, se tu existes, quem és tu? E, se não existes, quem somos nós?

Quem é recordado não morrerá jamais. E, ao recordar ilustres personalidades no seu texto de perfeito ourives da saudade e do reconhecimento cívico, o Senhor Dr. José Manuel Pavão esconjura, mesmo que tal não quisesse, a morte, e releva, estoicamente, a maior invenção da vida, que, di-lo o próprio, é a morte.

Olá vida, os que vão morrer saúdam-te!

António Vilar